

A Vida e a Arte

OS CRAVOS

O Autonomico

AZULEJOS

VIII A. J. J. B.

A Vida e a Arte

dornar-lhe o berço os fructos formosos e as louças esquisitas; e o outro lave os fríos e as geardas inermosas e as tristezas e as lagrimas de todos os desvalidos mas, em compensação, terá a esforçar-lhe a cruz e o tumulto as voltas e os ritos das valles, que começam a multiplicar-se de veridica e encantollos primaverais. E' que com a morte de Christo chegou a primavera da vida da humanidade.

Elle porque não tentas as alegrias do Natal, e também tantas as alegrias, os folgares da noite e dia de S. João.

Oh! recordação abençoada da minha mocidade!

Oh! noite de S. João, noite de S. João! Parece elegante ainda aos corvidos e ao arcaico grege dos descendentes da minha terra, descantes de vozes de muitos homens e de muitas mulheres, cantando os louvores do precursor de Christo.

E' a figura, a fogueira gigantesca, a árvore coloidal, entre ritos alegres de todos trancado, collocada, ececcidida e inflamada até ao ponto nominal e scormissimo, um monte alto de luz, em volta do qual dançam e cantam todos que sentem aquecer-lhes os corações, a mocidade e a fé.

A mocidade é a quadra das mais verdadeiras alegrias, das mais vivas esperanças, do entusiasmo e eterno rejuvenescimento do coração humano.

INGENUIDADE

Não artigo da «Revista Catholica» subscrito por um parochio, vem este quando do amargamento de não estar ainda estabelecida na sua Diocese a obra da assistência do culto.

Para despoter as gozagens amortecidas do seu Prelado invocou o articulista da «Revista» o exemplo da Diocese da Madeira, como se esta fosse a única onde tal serviço existisse regulado.

A queia commovente mais pouco justa do articulista da «Revista» lassen se naturalmente na situação relativamente prospera do clero funchense que por um certo de intuição do estado antiquista e para bem do clero e do culto allí foi estranho.

Um pouco de reflexo bastaria para desfazer a illusão do parochio queixoso. Os regulamentos diocesanos sobre a assistência do culto e do clero não dão dinheiro nem pão, creia o articulista da «Revista», por mais bem elaborados que sejam.

Se a situação economica do clero da Madeira é melhor presentemente do que a de qualquer outra diocese portuguesa, é apenas pela differença da educação popular religiosa, que naquella atormentado archi-

Na melancolia do poente anda a penumbra esbatendo a forma viva das coisas. E' logo um sopro espiritual as transfigura nesta hora de martirio, que mão amiga de tão longe trouxe para me sorrirem de aronia e graça na tristez vaga das tardes.

Um velho livro a um canto é todo uma elegia de um passado de amor e desventura. Nelle está a verdadeira sensibilidade da alma de um poeta que a Arte não maculou.

E contudo, todo elle é simples como o sorriso ingenuo dos cravos. E' que todo o segredo da belleza está apenas na simplicidade.

Assim nós erramos a vida, complicando-a na tortura do Impossivel, pesadelo de uma falsa perfeição. Não nos adaptamos á Natureza, mas vamos deformar-la para que a nós se adapte.

A alucinação creadora cegou-nos o sentido das coisas e andamos perdidos no nosso proprio sonho. A nossa personalidade é a nossa despersonificação.

pelago começou muito a tempo para produzir os fructos que está produzindo.

Quanto á effizienz dos regulamentos para tal fim, creio que não vai além do que se reconhece, praticamente nas pilulas Pink.

Um regulamento diocesano de assistencia do clero e culto não é uma pauta, aduanaça com os seus rigores fixos, que, *bona grã, aut grã*, todos tenham de cumprir.

Não apenas disposições legislativas que incidem sobre a applicação a dar ao producto da piedosa generosidade dos fiéis. Tem o articulista na «Revista», que é parochio, feita na sua parochia, que subaravam com o clero para a sua sustentação e do culto da sua igreja?

Esta tudo feito. Não tem a esta parochia que a hypothese; então neste caso não tem que voltar separa o seu livelato nem colligir regulamentos para a applicação da receita, que no caso subjecto não existe.

O regulamento, que o parochio queixoso da «Revista» esta a pedir, hade trazer-lhe a sua novidade de que talvez não gozava. Não de marcar-lhe o quantitativo com que deve concorrer para as despesas diocesanas.

E desde o dia em que começa a ser posto em vigor, terá o articulista da «Revista» de-

que a realidade, segundo a posição da luz que se lhe applica. Não succede o mesmo com os Santos que veneramos no Cão. Um decreto authentico do ministerio infante da Igreja e a linguagem inconfundivel dos milagres nos attestam solemnemente a herenidade das suas virtudes e os folgares dos seus extraordinarios dons.

Nenhuma heresia poderá abalar e solveter os fundamentos indestructiveis d'esse culto milos actos principaes são venerado, invocação e imitação.

O fim da veneração é directamente a honra das mesmas santos, o da invocação, a nossa utilidade. A maior parte da sua vida é pertencente imitavel, um modelo accessivel que facilmente podemos reproduzir.

Tiveram as mesmas difficuldades, as mesmas luctas e tentativas que nos accomtem. Os meios, as armas que lhes deram a victoria são as mesmas que nos assistem.

Si tibi, cur non ego? Assim diz o Santo Agostinho, quando, depois de conversado, se animava na santidade. Pelos fructos se conhecem as arvores e é pelas obras que se conhecem os homens.

É uma verdade infallivel ensinada por Jesus nos seus Evangelhos. Cotejemos a vida dos Santos com a dos seus inimigos, os inimigos de Deus, da religião e da sociedade.

Que precioso designam!

Não encontramos os Santos nos divertimentos publicos, nos theatros, nos lugares de prazer, nas festividades das passateiras, nas ociosidades, mas sim os achamos nos hospitais, a cabeceira dos enfermos e moribundos, nos serões da Africa e Asia a civilizar os selvagens, no meio dos desgraçados que consolam, das creanças que consolam, dos pecadores que convertem, dos pobres que socorrem e dos afflictos a quem auxiliam as lagrimas.

Elles são os gigantes da virtude, os martyres do sofferimento voluntario, os heros da abnegação propria.

Tudo n'elles é simples como a verdade, certo como a justiça, nobre e elevado como o bem que sempre procuram.

Uma ambição leem e essa immensa, inacivel e indeleavel e de ferrem a vontade de Deus, e se desapparecem si mesmos e de se sacrificarem constantemente pelo bem alheio.

Os seus inimigos são a deshonra do genero humano, são a vergonha da nossa dignidade. A sua linguagem são a humildade e a effizienz do ser nacional.

Para matar o que mata fazem, seria preciso dearradar os mysterios da corrupção e pervadencia humana para mostrar toda a heclidez das suas obras.

Os Santos, os verdadeiros amigos do povo, tudo sacrificam pelo proximo, dedicando-lhe

ção e o nosso sentimento é mais sonhado do que sentido. Só quando o homem se simplifica, pode atingir aquella grande perfeição moral e preciosa artistica que é a verdadeira realidade da belleza.

A vida recebe então a sua reintegração positiva e a arte define-se na forma unica da sua justa expressão.

O sentimento generalisa-se porque a Dor do poeta se irrita a amargura das coisas. A magua do poente será pois no seu coração e eco da natureza, visão maravilhosa da hora tristissima, que é por excellencia o momento místico da morte.

E quando, depois o sol se erguer por sobre os montes, na alleluia intensa de luz, o artista poderá sentir a alegria de viver, irmã das aves que desabrocham, enquanto as ceareas se aloiram e as arvores estendem mais os braços para a frescura das sombras.

A sua alma terá descoberto o misterio da Vida e da Arte. Julho de 1916.

V. de C.

ver diminuido o pouco que elle dá os fiéis da sua parochia, porque no organico desta entrada mas sua veridica despesa sem correspondencia de maior receita.

Os regulamentos não dão outra coisa, creia o articulista da «Revista». Sobre a maneira de crear receitas parochias talvez queira-se um conselho o articulista da «Revista».

Do porquê é que lhe não posso dar porque, sendo economico, nunca tive leito para economias. Permitta-lhe todavia que lhe lembre que a sentença de São Paulo: *Dixit aut sententia aut est*.

Percebe por aqui, que irá melhor. Quanto a regulamento, levam e não dão dinheiro.

P. Antonio P. de Mendonça

Inovação dos padres!

(Conclusão) Que significam essas estatua e monumentos levantados em honra de personagens illustres?

Perpetuem embora a memoria d'algum grande feito, essas estatuas são sempre um attestado inerte do verdadeiro mercantilismo e do ordinariamente economico a sombra, fúgar e inconspicuo, ora maior ora menor do

Transcrição

AZULEJOS

VIII

A Vida e a Arte

A J. J. B.

Na melancolia do poente anda a penumbra esbatendo a forma viva das coisas. E logo um sopro espiritual as transfigura nesta hora de martirio. Meus olhos surpreendem a agonia lenta dos cravos, que mão amiga de tão longe trouxe para me sorrirem de aroma e graça na tristez vaga das tardes.

Um velho livro a um canto é todo uma elegia de um passado de amor e desventura. Nelle está a verdadeira sensibilidade da alma de um poeta que a Arte não maculou.

E contudo, todo elle é simples como o sorriso ingenuo dos cravos. E' que todo o segredo da belleza está apenas na simplicidade.

Assim nós erramos a vida, complicando-a na tortura do Impossivel, no pesadelo nevoento de uma falsa perfeição. Não nos adaptamos á Natureza, mas vamos deformar-la para que a nós se adapte.

A alucinação creadora cegou-nos o sentido das coisas e andamos perdidos no nosso proprio sonho. A nossa personalidade é a nossa despersonificação e o nosso sentimento é mais sonhado do que sentido.

Só quando o homem se simplifica, pode atingir aquella grande perfeição moral e precisão artistica que é a verdadeira realidade da belleza.

A vida recebe então a sua reintegração positiva e a arte define-se na forma unica da sua justa expressão.

O sentimento generalisa-se porque a Dor do poeta se irmana a amargura das coisas. A magua do poente será pois no seu coração e eco da natureza, visão maravilhosa da hora tristissima, que é por excellencia o momento místico da morte.

E quando, depois o sol se erguer por sobre os montes, na alleluia intensa de luz, o artista poderá sentir a alegria de viver, irmã das aves que cantam e das flores que desabrocham, enquanto as ceareas se aloiram e as arvores estendem mais os braços para a frescura das sombras.

A sua alma terá descoberto o misterio da Vida e da Arte.

Julho de 1916

V. de C.

MODERN!SMO

Arquivo Virtual da Geração de *Orpheu*

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).